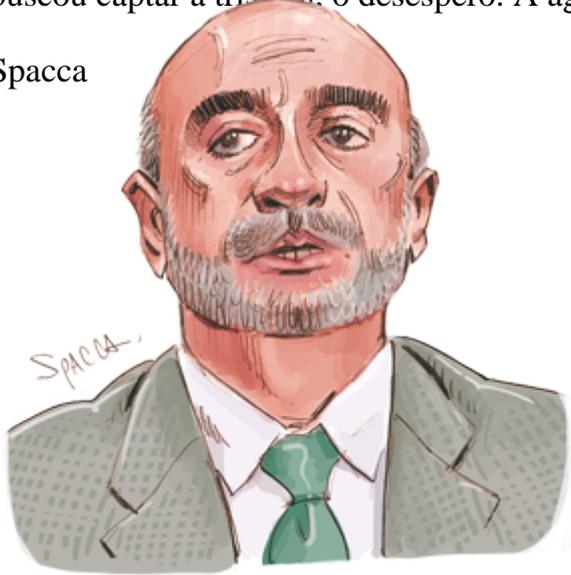


Balaguer Callejón publica seus cartoons da quarentena

Francisco Balaguer Callejón, um dos maiores estudiosos do Direito Constitucional do mundo, tem uma personalidade forte. É músico, poeta e tem uma coragem peculiar. Durante a quarentena, deu vazão a um outro talento seu. O desenho. O "cartoon", como ele define sua produção gráfica. Nessa empreitada, ele buscou captar a tristeza, o desespero. A agonia das pessoas perante a epidemia que varre o planeta.

Spacca



Com traços delicados, humanistas, o cientista do Direito,

mergulhou nos paradoxos surreais do quadro que vivemos. Das vísceras dessa crise, o granadino arrancou um grito entalado na garganta das pessoas que sabem o que acontece, mas não têm força para convencer a massa ignara da situação.

Valente, Balaguer cobra de quem votou em Trump e Bolsonaro a responsabilidade pelo agravamento da tragédia destes dias. Vai além, investe contra as corporações que dominam a comunicação de massa, hoje, que controlam o pensamento da humanidade, sem qualquer responsabilidade com o presente nem com o futuro.

Em suas próprias palavras, ele produziu "unas viñetas relacionadas con la epidemia para intentar hacer a la gente reflexionar sobre los problemas de nuestro tiempo y también para intentar dar un poco de ánimo en estos días tan difíciles".

Reprodução



Reprodução

Seu esforço para ser otimista é monumental. Mas nesta meta ele se frustra. Não por culpa dele, claro.

Publicamos em duas partes, nesta quarta-feira (20/5), o "epílogo" de Balaguer e suas "viñetas", com link para o trabalho completo, evidência da agonia de um especialista em Direito, que vê esboroar à sua volta uma sociedade que, à maneira dos seres que se deixaram hipnotizar pelo flautista de Hamelin, cumpriram seu destino atroz.

Leia a primeira parte do texto de Balaguer e os primeiros desenhos de sua série:

A imagem e as palavras de Balaguer

Qualquer um que goste de pintura sabe que um quadro pode conter o universo em apenas alguns traços ou, ao menos, pode fazer com que vislumbremos através do olhar do artista.

Reprodução



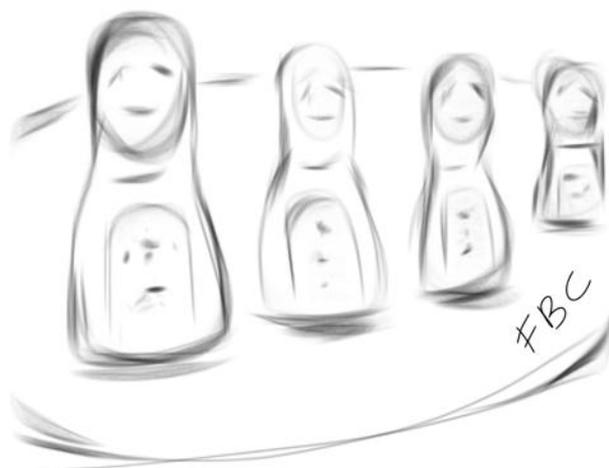
Reprodução

A combinação de desenho e texto que existe no *cartoon* é, dessa perspectiva, mais um defeito que uma virtude. Se você não é capaz de dizer algo com a imagem tem que recorrer ao texto e se tampouco assim consegue expressar adequadamente, tem que fazê-lo só com o texto, que é o que, definitivamente, estou fazendo com este epílogo, possivelmente porque não confio muito na minha capacidade de explicar com os próprios *cartoons*.

Essa falta de confiança é normal porque nunca havia feito *cartoons* antes. Embora tenha estudado desenho na Escola de Artes durante a adolescência, minha relação com a pintura terminou cedo e somente a retomei de maneira esporádica para fazer alguns retratos de amigos, publicados em Livros-Homenagem, a eles dedicados.

A única vez que me aproximei desse gênero foi há quarenta anos, quando era estudante de direito e preparei o roteiro e os textos para uns desenhos realizados por Juan Fernando López Aguilar, nas eleições para a Reitoria da Universidade de Granada nas quais apoiávamos o mesmo candidato.

Reprodução



A crise sanitária é como uma boneca russa. Traz em seu interior todas as crises possíveis

Reprodução

A quarentena me permitiu dispor de um tempo livre que não tive em muitos anos e um dia, por puro acaso, me pus a desenhar e elaborei cartoons que depois enviei a Andrés Sopeña e a minha irmã, María Luisa, entre outras pessoas. Tanto Andrés como minha irmã afirmaram que deveria publicá-las, assim que preparei outras tantas e em uma semana já estava tinha as cinquenta que serviram de base para este livro.

Não era a primeira vez que lhe enviava *cartoons*, porém antes haviam sido sempre de El Roto, uma de minhas principais fontes de reflexão em El País. Sem desmerecer meus outros ídolos, Forges, Peridis e alguns dos famosos artistas de The New Yorker, certo é que El Roto é quem costuma me surpreender com uma *cartoon* que explica tudo. Como aquela na qual um homem ia correndo muito rápido e dizia “não sei aonde vou, porém se paro para pensar, me passam”.

Um *cartoon* que poderia sintetizar minha biografia ou, no mínimo meu *curriculum vitae*, tão absurdo como o de tantas outras pessoas. A melhor que vi até agora sobre a crise sanitária foi aquela: “Sabemos tudo sobre o vírus e nada sobre o que significa”. Talvez tenha sido este *cartoon* o que me motivou a tentar dar minha própria explicação sobre o que significa o vírus. Para além das videoconferências que tive que ministrar nestes dias, as aulas gravadas ou as publicações de urgência em periódicos e em revistas acadêmicas. Não sei se consegui.

Reprodução



*O vírus também se move rápido
e destrói coisas*

Reprodução

O *cartoon* é um gênero muito delicado que às vezes nem sequer se formaliza como tal. Penso, por exemplo, na lápide de Groucho Marx, com o epitáfio “perdoem por não me levantar” que poderia ser um *cartoon* em si mesmo, ou na cena final de “Quanto mais quente melhor” de Billy Wilder: “Ninguém é perfeito”.

Por outro lado, a interpretação dos desenhos e dos textos pode ser muito diferente e, respeitando essa diversidade, estas linhas adicionais que escrevo a título de epílogo, têm também a função de expor minha própria interpretação de algo que já não me pertence, porque agora pertencerá às pessoas que as lerem e que decidirão livremente o sentido que devem lhe dar.

O que posso dizer é que em sua preparação encontrei certa terapia, que espero se estenda a quem vier a

ler este livro, para uma época tão terrível de incerteza, dor e ira. É impossível se acostumar cada dia com a cifra de mortos que nos chega de todo mundo.

É impossível deixar passar a responsabilidade de quem apoiou Trump, por exemplo, ao vermos que ninguém menos que o presidente dos Estados Unidos induz ingestão de desinfetante em alguns seguidores que acompanhavam suas entrevistas coletivas.

Reprodução



*Reduzimos a taxa de reprodução do vírus
para abaixo de 1, mas a de estupidez
continua acima de 10 e subindo*

Reprodução

Em que estavam pensando aqueles que conduziram Trump à Presidência? Em que pensavam os que promoveram Bolsonaro? Que pensam agora de ter pessoas desse tipo no comando de seus países? Que pensarão quando todo o horror que nos espera terminar?

Essas inquietações são contempladas por alguns dos *cartoons* deste livro. Outras têm mais a ver com a situação geral derivada da quarentena, com a rotina e com os novos costumes que está produzindo. Algumas são dedicadas aos chamados “fiscais de varanda” que contribuem para diminuir um pouco mais o nível dos valores com os quais temos que enfrentar esta crise, com o linchamento moral de quem transita pela rua, ao ponto de insultarem pessoas dedicadas ao combate à pandemia que voltavam dos seus respectivos trabalhos.

Permitem-se julgar sem ouvir, condenar e aplicar a pena por si mesmos. Deste ponto de vista, a expressão “fiscal de varanda” não é muito apropriada, porque outros fiscais não se comportam da mesma forma num sistema democrático, estes sujeitos são simplesmente energúmenos que acoçam os transeuntes e que deveriam ser punidos por isso.

Reprodução



*Antes faziam guerras que matavam
nossos filhos, agora provocam
epidemias que matam nossos pais.*

Reprodução

Também há *cartoons* dedicados às vítimas desta crise, esperando que lhes seja feita justiça e se honre sua memória no futuro, para tentar ressarcir a desolação e o desconsolo com os quais tivemos que lhes dedicar tantos adeus sem despedidas, tantas lágrimas sem testemunhas, tanta solidão e tanto vazio.

A maior parte dos *cartoons* está dedicada à crise sanitária como tal, que deve ser contemplada como parte de um processo e não simplesmente como uma situação produzida pelo mero azar de algo parecido a um “efeito mariposa” derivado do consumo de carne de animal silvestre numa cidade chinesa.

O vírus começa seu trajeto em que comeu esta carne, porém todo o resto fomos nós, a sociedade que construímos que ajudou a criar neste século XXI, como todas as renúncias que temos feito desde que começou o século em matéria de meio ambiente, pluralismo, democracia, direitos sociais, igualdade,

liberdades essenciais frente às grandes companhias tecnológicas ou aos especuladores financeiros, definitivamente frente aos agentes globais.

Continua [parte 2](#)

Date Created

20/05/2020